

Visuais Em Cartaz:

Aventura pela luz, cor e movimento

Célebre galerista francesa, Denise René reúne em mostra em São Paulo obras significativas de artistas cinéticos de sua coleção

Maria Hirszman
ESPECIAL PARA O ESTADO

Os movimentos artísticos são muito mais do que uma eclosão espontânea de criatividade. Para que uma série de trabalhos isolados passe a fazer um novo e mais potente sentido concorrem elementos variados, da criação à recepção do público. Tanto que não raro encontramos nos bastidores das escolas marchands e críticos que ajudam a viabilizar e estimular um determinado caminho. Um dos casos mais patentes desse encontro de interesses é a relação entre a célebre galerista francesa Denise René e o cinetismo, como ficou conhecida a criação visual que explora a potência transformadora do movimento e que marcou de forma significativa a arte a partir da segunda metade do século 20.

Em sua primeira visita ao Brasil, para inaugurar a mostra *Luz, Cor e Movimento*, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud, Denise definiu seu percurso ao lado dos cinéticos como "uma grande aventura", trilhada ao lado de figuras essenciais do movimento. O primeiro desses parceiros foi Victor Vasarely (1906-1997), que a ajudou a fundar sua galeria nos últimos momentos da 2ª Guerra e lá realizou sua primeira individual. Essa história tem como ponto de partida a recusa da representação, a defesa da abstração e de uma arte que se transforma pela animação de seus elementos, explica a galerista, que gosta de se definir como uma "descobridora de talentos", recusando o termo 'marchande'. "Meu papel foi ter os olhos abertos e saber onde estava a qualidade."

A mostra paulistana - espécie de homenagem do Gabinete de Arte, que segue uma linha de pensamento semelhante à congêneres francesa - traz poucos e significativos trabalhos de alguns dos mais destacados artistas cinéticos que



1. Zaphir Postif, de Victor Vasarely 2. Tableau Transformable de 8 Éléments (1953), do israelense Yaacov Agam 3. A galerista francesa Denise René, que pela primeira vez visita o Brasil: "Os latinos fizeram uma escolha forte na direção da abstração antilírica"

ela representou num amplo período de tempo e que pertencem à sua coleção. Dentre eles se destacam relevo dos anos 60 do venezuelano Soto e um trabalho interativo do israelense Yaacov Agam de 1953/54, o mais antigo da mostra.

O único brasileiro na exposição é Waltercio Caldas, que Denise passou a representar recentemente. No passado; outros brasileiros trabalharam com a célebre galeria da Rive Gauche, como Cícero Dias, Sérgio Camargo e Lygia Clark. Afinal, o País tem tradição importante no campo da arte construtiva. Pensando em termos de América Latina, é inquestionável o papel preponderante do continente para a definição e continuidade desse projeto. Como diz Denise, "os latinos fizeram uma escolha forte na direção da abstração antilírica".

Atualmente com dois espaços expositivos (Boulevard Saint Germain e Marais), Denise considera difícil garimpar novos trabalhos. "Vivemos um momento muito rico, há sempre artistas a descobrir, mas parece que há menos obras insólitas", pondera ela, sem abrir mão dos objetivos que norteiam seu trabalho iniciado há quase 60 anos e celebrando o fato de que o cinetismo conta hoje com grande interesse do público. Ao ser informada de que no Brasil parece estar havendo uma redescoberta da arte cinética - como foi possível constatar, por exemplo, na mostra realizada recentemente no Instituto Tomie Ohtake que contou com obras históricas do acervo de Denise René -, ela conclui que a melhor maneira de atrair o público é mostrar a obra. ●

Serviço
● *Luz, Cor e Movimento*. Gabinete de Arte Raquel Arnaud. Rua Artur Azevedo, 401, telefone 3083-6322. 2.º a 6.º, das 10 h às 19 h; sáb., das 12 h às 16 h. Grátis. Até 10/5

Novos materiais dão forma a obras raras de Amilcar de Castro

Galeria Millan exhibe peças que o mestre criou em mármore, vidro e madeira

Camila Molina

Dentro de sua pesquisa rígida neoconcretista, o escultor mineiro Amilcar de Castro (1920-2002) ficou conhecido pelo veio específico de realizar com o aço obras em que chegou a formas múltiplas pela técnica do corte e dobra do metal. Dar leveza e concretude a um material tão forte foi sua marca de excelência. Mas Amilcar produziu muito durante sua trajetória e dentro dela também se dedicou a criar esculturas que hoje se transformam em conjuntamente visto pelo público, como peças feitas, especialmente, em mármore e vidro - e há também as realizadas em madeira (em braúna, ipê-amarelo e roxinho). "São obras que ficaram à margem, mas chegou um momento que o mercado queria vê-las", diz o pintor Rodrigo de Castro, filho do escultor e curador, ao lado do marchand André Millan, da mostra com esculturas de Amilcar de Castro que está em cartaz na Galeria Millan.

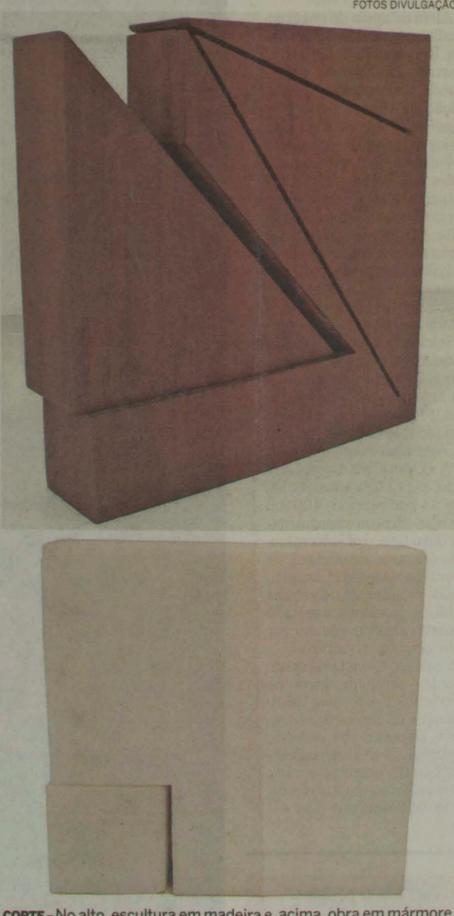
Todas as obras da exposição - dez esculturas de madeira, três de mármore, oito de aço e duas de vidro - pertencem ao Instituto Amilcar de Castro, criado em Nova Lima, Minas Gerais, pelos filhos do artista. Todas elas, pela própria especificidade de cada material, são esculturas nas quais Amilcar explorou o elemento do corte para realizar composições de diversas formas a partir do vocabulário liso e reto da geometria - é da natureza da técnica, também, as peças serem de tamanho mais reduzido (porque o escultor desbravou sua produção escultórica em obras de muitas escalas, inclusive, a monumental).

A produção mais rara de todas são, segundo Rodrigo de Castro, as esculturas de mármore - mas as mais valiosas, em termos de mercado, são as colunas de vidro. "O mármore era material ao qual não era acostumado a lidar", diz o filho de Amilcar. Rodrigo conta que na década de 1990 o escultor recebeu a encomenda da prefeitura de Brusque, em Santa Catarina, de realizar uma peça monumental usando o mármore encontrado na região da cidade. A obra foi feita (tem cerca de 2,20 metros de altura), mas o escultor aproveitou a oportunidade e experimentou outras possibilidades com o material em cinco esculturas pequenas, únicas.

Quanto às de vidro, colocadas logo na entrada da mostra, elas têm a beleza de juntar numa mesma composição verticalizada duas naturezas diferentes: a transparência das lâminas, que, reunidas, formam uma coluna espetada numa base de braúna (madeira escura). "Na década de 50, ele criou obras com lâminas de vidro numa base redonda de ferro. Só nos anos 90, quando encontrou essa madeira, criou outra série. Ele gostou mais desse resultado", diz Rodrigo.

Mas, enfim, a beleza das peças de Amilcar independe de materiais e histórias. As de madeira, que ele realizou desde os anos 70, encantam pelas formas e tonalidades diferentes, assim como as de aço - destaque para uma que o artista levou ao máximo a forma horizontal. ●

Serviço
● *Amilcar de Castro*. Galeria Millan. Rua Fradique Coutinho, 1.360, 3031-6007. 2.º a 6.º, 10h às 19h; sáb., 11h às 17h. Até 24/5



CORTE - No alto, escultura em madeira e, acima, obra em mármore

União de concretistas paulistas e cariocas

Exposição abriga trabalhos de criadores do movimento e suas ressonâncias

A ideia de realizar a exposição *Ruptura, Frente e Ressonâncias*, em cartaz na Galeria Berenice Arvani, partiu, segundo o jornalista e curador Celso Fioravante, da vontade de conceber uma mostra em que figurariam apenas obras dos artistas participantes do grupo Frente, um dos marcos do movimento construtivo brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, na década de 1950, e liderado por Ivan Serpa. A premissa do curador era a de que São Paulo, por ter tido na mesma década de 1950 o grupo Ruptura - entre seus integrantes, estavam Anatol Wladyslaw, Lothar Charoux, Geraldo de Barros, Luiz Sacilotto e Waldemar Cordeiro -, sempre abrigou exposições que tiveram com mais frequência obras dos concretistas paulistas. "Até mesmo a maioria dos livros publicados é sobre o Ruptura", diz Fioravante.

Mas, enfim, não havia número de obras suficientes para fazer uma mostra apenas dos concretistas cariocas - "O mercado está pegando fogo à procura de concretistas desde meados da década de 1990 e há dois anos essa situação se intensificou com a demanda do circuito estrangeiro", diz o curador. Dessa maneira, o projeto da exposição se expandiu para abrigar também pinturas e desenhos dos integrantes do Ruptura e obras de artistas que não participaram de nenhum dos dois movimentos, mas que, de alguma maneira, promovem o diálogo com as criações concretistas - como o objeto com espelhos de Ubi Bava; uma pequena pintura de Volpi; e tela de Rubem Valentim com um de seus emblemas geométricos.



SACILOTTO - *Concreção*, de 1989

No total, a mostra reúne 52 obras, entre pinturas, desenhos e objetos (destaque para uma tapeçaria de Antônio Malfi), colocados em uma montagem em que os trabalhos ficam todos misturados e com pouca distância entre si. As obras, também, não são apenas dos anos 50. As mais antigas são exemplares da série *Fotoformas*, de Geraldo de Barros, realizados em 1949, e desenhos de Serpa e Rubem Ludolf, de 53. Já a mais recente é um guache sobre papel de 2008, assinada por Ludolf.

A mostra joga luz em artistas pouco conhecidos em São Paulo, como João José Costa, Décio Vieira e Dionísio Del Santo. Mas, também, vale destacar a presença de obras de outros mais conhecidos, como Sacilotto, Fiamminghi, Judith Lauand e Arnaldo Ferrari. ● c.m.

Serviço
● *Ruptura, Frente e Ressonâncias*. Galeria Berenice Arvani. Rua Oscar Freire, 540, telefone 3082-1927. De 2.º a 6.º, das 10 h às 19h30. Grátis. Até 20/5